

ROMANOS 3.22: “FÉ EM JESUS CRISTO” OU “FIDELIDADE DE JESUS CRISTO”?

*Bruno Gonçalves Rosi**

RESUMO

Este artigo faz uma análise da expressão “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” em Romanos 3.22, considerando duas traduções possíveis: “fé em Jesus Cristo” e “fidelidade de Jesus Cristo”. Considerações gramaticais e teológicas favorecem a segunda tradução, embora a primeira não possa ser inteiramente descartada. Para além da tradução correta da expressão, o artigo conclui que a fidelidade de Jesus Cristo é um tema relevante e ainda pouco desenvolvido na teologia sistemática reformada, uma imperfeição que faríamos bem em corrigir.

PALAVRAS-CHAVE

Exegese do Novo Testamento; Fidelidade de Jesus Cristo; Fé em Jesus Cristo; Romanos 3.22; Gramática grega.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é considerar a expressão “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” em Romanos 3.22.¹ Essa expressão é traduzida como algo equivalente a “fé em Jesus Cristo” em várias das traduções contemporâneas em vários idiomas. No entanto, a expressão também pode ser traduzida como “fé (ou fidelidade) de Jesus Cristo”. Tal tradução aparece em algumas traduções mais antigas e tem

* Mestre em Divindade pelo Westminster Theological Seminary (2021); doutor em Ciência Política pelo IESP-UERJ (2016); bacharel em História pela Universidade Federal Fluminense (2005); mestre em Relações Internacionais pela PUC-RJ; membro da Primeira Igreja Batista Bíblica do Rio de Janeiro.

¹ Essa expressão aparece também em outras passagens do Novo Testamento (Rm 3.26; Gl 2.16, 20; 3.22; Ef 3.12; Fp 3.9) e os argumentos aqui apresentados também são úteis para essas outras passagens.

sido defendida por alguns tradutores modernos.² Com isso em mente, este artigo considerará essas duas traduções em bases gramaticais e teológicas.

Discussões sobre como traduzir Romanos 3.22 e passagens semelhantes acontecem há algum tempo e livros inteiros foram escritos sobre esse assunto. Os artigos mais antigos discutindo essa tradução datam ao menos de 1896.³ O debate foi reacendido mais recentemente, e todo um livro foi editado sobre esse tópico.⁴ Embora este não seja o seu ponto principal, R. Michael Allen também discute a fé de/fé em Jesus em *Justification and the Gospel*.⁵ O debate também chegou a veículos mais populares, como revistas cristãs e postagens em blogs.⁶

A fim de considerar as possíveis traduções de “πίστεως ἠησοῦ Χριστοῦ”, primeiro examino o contexto dessa expressão nas viagens missionárias de Paulo em geral e na Carta aos Romanos especificamente. Depois disso, mergulho na própria expressão, examinando-a gramatical e teologicamente. Para tanto, primeiro faço algumas considerações sobre a língua grega e seu sistema de casos, considerando com especial cuidado o caso genitivo. Uma última seção compara as conclusões deste artigo com a Nova Perspectiva sobre Paulo, defendida, sobretudo, por N. T. Wright. A conclusão recapitula os principais pontos discutidos no artigo.

1. A CARTA AOS ROMANOS

A Carta aos Romanos é amplamente considerada um dos livros mais importantes da Bíblia. Carson e Moo afirmam que “Romanos é a mais longa e teologicamente mais significativa das cartas de Paulo”.⁷ Nas palavras de Martinho Lutero, Romanos é “o evangelho mais puro”. John Wesley passou por uma transformação radical em sua vida após ouvir uma exposição na Carta

² Embora traduzam a expressão como “fé em Jesus Cristo”, a *New International Version* e a *Christian Standard Bible* apresentam “fidelidade de Jesus Cristo” como uma alternativa possível. Conforme será visto mais adiante, algumas traduções foram além e optaram pela frase “fidelidade de Jesus Cristo” no texto principal.

³ JERNEGAN, Prescott F. “The Faith of Jesus Christ”. *The Biblical World*, Sept. 1896, Vol. 8, No. 3, p. 198-202.

⁴ BIRD, Michael F.; SPRINKLE, Preston M. (Eds.). *The Faith of Jesus Christ: Exegetical, Biblical, and Theological Studies: The Pistis Christou Debate*. Peabody, MA: Hendrickson, 2009.

⁵ ALLEN, R. Michael. *Justification and the Gospel*. Baker Academic, 2013.

⁶ HANSEN, Collin. “‘Faith in Christ’ or ‘Faithfulness of Christ’? What’s the Difference?”. In TGC, November 12, 2010. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/faith-in-christ-or-faithfulness-of-christ-whats-the-difference/>. WAX, Trevin. “‘Faith in Christ’ or ‘Faithfulness of Christ’”. TGC, May 23, 2011. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/trevin-wax/faith-in-christ-or-faithfulness-of-christ/>. CARSON, D. A. “‘Faith’ and ‘Faithfulness’”. *Tabletalk Magazine*, Feb. 1st, 2010.

⁷ CARSON, D. A.; MOO, D. J. *An Introduction to the New Testament*. 2. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2005, p. 391.

de Paulo aos Romanos. João Crisóstomo, o grande pregador da antiguidade, tinha o hábito de ter esta carta lida para ele uma vez a cada semana.

Romanos afirma ter sido escrita por Paulo (1.1) e nunca houve um desafio sério a essa afirmação. Há fortes indícios de que esta carta foi escrita quando Paulo estava perto do fim de sua terceira viagem missionária, em torno de 57 d.C. Corinto é o lugar mais provável da redação da carta.

Conforme já foi aludido, Romanos é uma carta. Embora fale a todas as gerações de cristãos, “sua mensagem está inserida em um documento escrito para um público específico em uma situação definida”.

Nós não temos evidências definitivas sobre a origem da igreja em Roma ou sua composição quando Paulo escreveu a ela. O cenário mais provável é que judeus convertidos no dia de Pentecostes tenham sido os primeiros a levar o evangelho à grande capital.

Em suma, Paulo está escrevendo para uma comunidade cristã que ele não conhecia pessoalmente, mas que desejava conhecer. Nesse processo, ele faz uma apresentação bastante exaustiva do evangelho.⁸

Identificar o tema central desta carta não é uma tarefa fácil. A passagem de 1.16-17 é muitas vezes (e provavelmente com razão) considerada como a declaração de propósito da carta. Observando os capítulos 9-11, alguns estudiosos concluem que a história da salvação e o papel de judeus e gentios dentro desta história é o tema central. Carson e Moo sugerem que é possível que Romanos não tenha um único tema, apenas motivos recorrentes em vários tópicos distintos. Embora a questão da unidade de judeus e gentios seja importante em Romanos, estes autores contestam esta conclusão, observando que particularmente os capítulos de 1 a 8 deixam claro que o evangelho de Paulo é basicamente direcionado ao ser humano individual, preso sob o pecado e necessitado da redenção disponível apenas em Jesus Cristo. Em suma, Carson e Moo acreditam que “se quisermos destacar um tema, um bom argumento pode ser feito em favor de ‘o evangelho’”.⁹

2. SUBSTANTIVOS GREGOS: CASOS GRAMATICAIS

Tendo este contexto histórico e temático em mente, é importante que agora consideremos algumas questões sobre a gramática do grego koiné. Assim como no português, o substantivo grego é uma classe de palavras que nomeia seres, objetos, fenômenos, lugares, qualidades e ações, entre outros. Assim como no português, os substantivos gregos podem ser flexionados em gênero (masculino, feminino e neutro; este último algo que não temos em português)

⁸ Para a discussão completa, ver *ibid.*, p. 391-414.

⁹ *Ibid.*, p. 409.

e em número (singular e plural; o grego clássico também tinha substantivos duais, algo que desapareceu no grego koiné). Finalmente, os substantivos gregos também podem ser flexionados de acordo com o caso. Esta última característica é um pouco mais difícil de verter do grego para as línguas contemporâneas, entre elas o português.¹⁰

Um caso se refere à função que o substantivo executa em uma frase. Em português, existem três casos: subjetivo, possessivo e objetivo. Se uma palavra é o sujeito de uma frase, essa palavra está no caso subjetivo, como "João" em "João arremessou sua gramática grega". Se uma palavra é o objeto direto de uma frase, essa palavra está no caso objetivo, como "gramática grega" na frase "João arremessou sua gramática grega". Se uma palavra mostra posse, essa palavra está no caso possessivo, como "sua" em "João arremessou sua gramática grega".

Às vezes os substantivos sofrem alguma inflexão, dependendo do caso que exercem em uma frase. Podemos ver isso em português com as palavras ele, dele e nele. Ele está no subjetivo, nele no objetivo e o dele no possessivo. Talvez não pensemos muito sobre isso, mas é o que está acontecendo em uma frase como "Ele jogou sua gramática grega nele". Uma razão pela qual não pensamos muito sobre isso é porque nem sempre vemos qualquer inflexão nos substantivos. Por exemplo, na frase "João arremessou uma gramática grega", "João" está no caso subjetivo e "gramática grega" está no caso objetivo, mas eles não estão sofrendo nenhuma inflexão por causa disso. No entanto, geralmente entendemos que "João" é o sujeito da frase e "gramática grega" o objeto direto por causa de outras características da frase. Veremos mais a respeito disso um pouco mais adiante. No caso do grego e outras línguas, substantivos sofrem alguma forma de inflexão dependendo da função que exercem na frase. Assim, Ἰησοῦ está no genitivo, Ἰησοῦν no acusativo e Ἰησοῦς no nominativo, mas são todas o mesmo nome próprio, Jesus.

Além da inflexão, uma dificuldade em compreender casos em grego koiné é que esta língua possui mais casos do que temos na maioria das línguas ocidentais modernas, e também porque esses casos não correspondem totalmente aos casos que temos. O grego koiné tem cinco casos: Nominativo, Acusativo, Genitivo, Dativo e Vocativo. A função mais básica do caso nominativo é identificar o sujeito em uma frase. Nesta função básica, o nominativo corresponde ao caso subjetivo em português. A função mais básica do caso acusativo é identificar o objeto direto em uma frase. Nesta função básica, o acusativo corresponde ao caso objetivo em português. A função mais básica do caso genitivo é identificar a posse em uma frase. Nesta função básica, o genitivo corresponde ao caso

¹⁰ Para mais informações a respeito do sistema de casos no grego koiné, ver: MOUNCE, William. *The Basics of Biblical Greek*. 3. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2009, cap. 5.

possessivo em português. A função mais básica do caso dativo é identificar o objeto indireto em uma frase. A função mais básica do caso vocativo é identificar o endereço direto em uma frase. Dependendo do caso de um substantivo, ou seja, da função que ele desempenha em uma frase, ele será escrito com uma desinência diferente, semelhante ao que fazemos em português para mostrar que um substantivo está no singular ou no plural, ou no masculino ou feminino.¹¹

Uma consequência do sistema de casos em grego é que o grego não é tão dependente da ordem das palavras quanto as línguas ocidentais modernas para determinar que caso uma palavra está desempenhando em uma frase. Por exemplo, na frase “João arremessou sua gramática grega”, entendemos que “João” é o sujeito e “gramática grega” o objeto em parte por causa da ordem em que aparecem na frase (e também porque gramáticas geralmente não arremessam pessoas). Na maior parte das vezes nossas frases seguem a ordem sujeito, verbo, objeto. Invertida esta ordem, a frase pode soar um pouco estranha, como em “Ouviram do Ipiranga as margens plácidas, de um povo heroico o brado retumbante”. Em uma ordem mais usual essa frase ficaria assim: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico”. Nesta ordem fica mais claro que “as margens plácidas do Ipiranga” são o sujeito desta frase e que “o brado retumbante de um povo heroico” é o objeto. É também por isso que Mestre Yoda soa engraçado em Star Wars: porque ele tende a inverter a ordem do sujeito, verbo e objeto direto a que estamos acostumados. No caso do grego, como a ordem das palavras não é tão vital para determinar a função de um substantivo em uma frase, os escritores do Novo Testamento podem ser mais flexíveis com esta ordem.

3. O CASO GENITIVO E COMO DEVEMOS TRADUZIR ΠΙΣΤΙΣ

Como mencionado acima, o genitivo é um dos cinco casos do grego koiné. Uma de suas funções mais básicas é mostrar posse, sendo semelhante ao do caso possessivo em português e outras línguas ocidentais modernas. No entanto, os gramáticos identificam muito mais funções desempenhadas pelo caso genitivo no grego koiné. Croy diz que “a função básica do caso genitivo é descrever ou definir, como um adjetivo faz”.¹² Wallace diz que “o caso genitivo pode ser definido como o caso de qualificação (ou limitação quanto ao tipo) e (ocasionalmente) separação”.¹³ Como podemos ver, mostrar posse é um uso muito comum do genitivo, mas não o único. Wallace identifica cerca de 30 usos do caso genitivo. Ele também afirma que todos os genitivos podem ser classificados como “descritivos ou aporéticos”. Nesse uso, o genitivo “descreve

¹¹ CROY, N. Clayton. *A Primer of Biblical Greek*. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 2011, p. 13.

¹² Ibid.

¹³ WALLACE, Daniel B. *Greek Grammar Beyond the Basics*. Grand Rapids: Zondervan, 1997, p. 77.

o substantivo principal de uma maneira vaga”. Este uso é muito útil se considerarmos sua amplitude (a maior parte dos genitivos, senão todos, cairá nessa categoria), mas paradoxalmente também é problemático por ser tão amplo e, portanto, não muito específico.

Além de examinar o genitivo, temos que considerar o significado de πίστις em Romanos 3.22 e em outros lugares. Embora a maioria das traduções vertam o texto em grego como “fé em Jesus Cristo”, vários léxicos sustentam que πίστις pode ser traduzido como fé ou fidelidade, dependendo do contexto.¹⁴ De fato, é como “fidelidade” que esta palavra é traduzida em outros textos, e teríamos em Romanos 3.22 um contexto que também permite essa tradução.

4. ANÁLISE GRAMATICAL DE ROMANOS 3.22

Tendo em mente esse pano de fundo da gramática do grego koiné, podemos agora considerar a frase πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ em Romanos 3.22. O verso completo aparece da seguinte maneira na NA28: “δικαιοσύνη δὲ θεοῦ διὰ πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ εἰς πάντας τοὺς πιστεύοντας. οὐ γὰρ ἐστὶν διαστολή”. Na Nova Almeida Atualizada a primeira parte deste verso aparece traduzida da seguinte maneira: “É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem”. Tanto o NA28 quanto a NAA veem os versículos 21 a 26 como um parágrafo,¹⁵ assim traduzido na NAA:

Mas, agora, sem lei, a justiça de Deus se manifestou, sendo testemunhada pela Lei e pelos Profetas. É a justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem. Porque não há distinção, pois todos pecaram e carecem da glória de Deus, sendo justificados gratuitamente, por sua graça, mediante a redenção que há em Cristo Jesus, a quem Deus apresentou como propiciação, no seu sangue, mediante a fé. Deus fez isso para manifestar a sua justiça, por ter ele, na sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos, tendo em vista a manifestação da sua justiça no tempo presente, a fim de que o próprio Deus seja justo e o justificador daquele que tem fé em Jesus.

Além da NAA, a Nova Versão Internacional (NVI), a Almeida Revista e Corrigida (ARC) e a Almeida Século 21 todas traduzem o texto desta mesma maneira. O mesmo acontece em outros idiomas: em inglês, a English Standard Version (ESV), a New International Version (NIV), a Christian Standard Bible, a New American Standard Bible (NASB) e muitas outras traduzem esta frase como “Faith in Jesus Christ”.¹⁶ Em espanhol a La Biblia de las Americas (LBLA), a Nueva Versión Internacional (NVI) e a Reina Valera Contemporánea

¹⁴ Strong’s Concordance, NAS Exhaustive Concordance, Thayer Greek Lexicon.

¹⁵ Este também é o caso na ESV, CSB, NVI e várias outras traduções.

¹⁶ Apesar de traduzir a frase como “fé em Jesus Cristo”, a CSB e a NVI observam que “pela fidelidade de Jesus Cristo” também é uma tradução possível.

(RVC) traduzem este texto como “fe em Jesucristo”. No entanto, algumas traduções mais antigas optam por “fé de Jesus Cristo” ou uma frase equivalente em algum outro idioma. É o que acontece na antiga versão King James, na edição americana Douay-Rheims de 1899, na Bíblia de Genebra de 1599, na tradução de Darby e na Reina-Valera Antigua. Pelo menos três traduções modernas, a versão King James do século 21, a Jubilee Bible 2000 (JUB) e a New English Translation (NET) fazem o mesmo. Para ser mais exato, a NET traduz esta frase como “faithfulness of Jesus Christ”.

Devemos lembrar, seguindo Croy e Wallace, que a função básica do caso genitivo é descrever ou definir, como um adjetivo faz.¹⁷ Portanto, o que podemos dizer com certeza é que a fé (ou fidelidade) de que Paulo fala tem algo a ver com Jesus Cristo. A forma padrão de traduzir o genitivo para o português é usar a preposição “de”.¹⁸ “Πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” está, sem dúvida, no caso genitivo. Estudantes que estão começando a aprender o grego provavelmente irão traduzir esta frase como “a fé de Jesus Cristo”.¹⁹ Sendo este o caso, as traduções que optam por “fé de Jesus Cristo” estão fazendo aquilo que parece mais simples para um estudante iniciante do grego. Porém, há outras considerações que favorecem esta tradução.

Wallace considera que Romanos 3.22 e algumas outras passagens envolvendo “Πίστεως Χριστοῦ” são “exemplos possíveis (e exegeticamente significativos)” do genitivo subjetivo. O genitivo subjetivo é um caso de genitivo verbal em que “o substantivo genitivo funciona semanticamente como sujeito da ideia verbal implícita no substantivo principal”. De acordo com Wallace, não é incomum encontrar esse uso do genitivo no Novo Testamento, mesmo nas cartas paulinas em geral e em Romanos especificamente. Em 2Coríntios 7.15, por exemplo, temos a frase τὴν πάντων ὑμῶν ὑπακοήν, traduzida como “obediência de todos vocês” em muitas edições contemporâneas, somente com ligeiras variações. Em Romanos 8.35, temos a frase τίς ἡμᾶς χωρίσει ἀπὸ τῆς ἀγάπης τοῦ Χριστοῦ, onde τῆς ἀγάπης τοῦ Χριστοῦ aparece traduzido geralmente como “o amor de Cristo”. Pelo que eu posso dizer, nenhuma tradução da Bíblia entende essa frase como “o amor em Cristo”. A Bíblia de Genebra de 1599 ainda explica que a frase se refere ao amor com que Cristo nos ama. Tendo essas observações em mente, Wallace traduz Πίστεως Χριστοῦ em Romanos 3.22 como “a fidelidade de Jesus Cristo”. Ele sugere a mesma tradução para Filipenses 3. 9 e Efésios 3.12.²⁰

¹⁷ CROY, *Primer of Biblical Greek*, p. 13; WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, p. 77.

¹⁸ WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, p. 73-74. CROY, *Primer of Biblical Greek*, p. 13.

¹⁹ CROY, *Primer of Biblical Greek*, p. 13.

²⁰ WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, p. 112-116.

Wallace explica que a alternativa é tomar essa frase como um genitivo objetivo. O genitivo objetivo acontece quando o genitivo “funciona semanticamente como o objeto direto da ideia verbal implícita no substantivo principal” (algo também comum no Novo Testamento).²¹ No entanto, ele acredita que isso é gramaticalmente menos provável, e que a tradução “fé em Jesus Cristo” em todas essas passagens acontece por causa de um “reflexo luterano”.²² Além disso, ele acredita que os argumentos de que πίστις deva ter um genitivo objetivo não são suficientemente convincentes. Em suma, Wallace acredita que, do ponto de vista gramatical, “fidelidade de Jesus Cristo” é uma tradução “possível (e exegeticamente significativa)” e preferível, embora não indiscutível.²³ Em todo caso, ele conclui que afirmar que essas passagens se referem à fé/fidelidade de Jesus “não é uma negação da fé em Cristo como um conceito paulino” e que esse tópico não pode ser completamente resolvido apenas por considerações gramaticais.²⁴

5. ROMANOS 3.22 EM COMENTÁRIOS BÍBLICOS

Em seu comentário de Romanos, João Calvino traduz πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ como “fé de Jesus Cristo”, mas ao explicar a passagem ele vê o crente como o sujeito da frase. Para Calvino, a fé é “o instrumento pelo qual recebemos a Cristo, no qual a justiça nos é transmitida”.²⁵ Matthew Henry vê Jesus como o objeto da fé e nem mesmo menciona a possibilidade de Jesus ser o sujeito da fé (ou fidelidade) nesta passagem.²⁶ William Hendriksen também considera que a frase que estamos discutindo aqui se refere à confiança que o crente deposita em Cristo. Em outras palavras, Cristo é o objeto da fé. Hendriksen não faz referência à possibilidade de que Cristo seja o sujeito da fé (ou fidelidade) nesta passagem.²⁷

²¹ Ibid., p. 116.

²² Embora Wallace considere “fé em Jesus Cristo” possivelmente como um “reflexo luterano”, acho que vale a pena mencionar que a *Revised Standard Version Catholic Edition* traduz a frase como “fé em Jesus Cristo”, assim como a Bíblia de Jerusalém. A já mencionada Douay-Rheims também é uma tradução católica, e igualmente traduz a frase como “fé em Jesus Cristo”. A *New Revised Standard Version Catholic Edition* continua a traduzir a frase como “fé em Jesus Cristo”, embora acrescente uma nota de rodapé considerando “fé de Jesus Cristo” como uma tradução alternativa possível. A Bíblia de Genebra de 1599 traduz a frase como “fé de Jesus Cristo”, mas adiciona uma nota de rodapé explicando que esta é a fé “que damos a Jesus Cristo ou que repousa sobre ele”. Em outras palavras, a fé é exercida pelo crente, e pertence a Jesus (“de Jesus”) no sentido de que ele é o objeto dessa fé.

²³ O próprio Wallace admite que os argumentos a favor do genitivo subjetivo nessas passagens não estão acima de qualquer controvérsia.

²⁴ WALLACE, *Greek Grammar Beyond the Basics*, p. 115-116.

²⁵ CALVIN, John. *Commentary on Romans*. Disponível em: <https://ccel.org/ccel/calvin/calcom38/calcom38.vii.vii.html>.

²⁶ HENRY, Matthew. *Comentário bíblico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2004, p. 7-8.

²⁷ HENDRIKSEN, William. *Romanos*. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2001, p. 169.

Ao comentar sobre Romanos 3.22, R. C. Sproul não entra na discussão que estamos examinando aqui. Seu entendimento é que nesta passagem Paulo está afirmando a justificação pela fé somente. Sproul interpreta que a justiça de Deus é recebida pela fé por todos aqueles que creem. Sem considerar que πίστις pode estar se referindo à fidelidade de Cristo, e não ao nosso ato de crer, ele acrescenta que devemos ter cuidado para não entender mal que nosso ato de crer é o que nos torna justos. O que Paulo quer dizer, de acordo com Sproul, é que a fé é o meio pelo qual recebemos Cristo e sua justiça. Fé significa colocar nossa confiança em Cristo.²⁸

Comparado a outros comentaristas mencionados até agora, Douglas J. Moo tem uma discussão mais longa da passagem que temos em vista. Ele observa que “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” geralmente é interpretado (e traduzido) como fé em Jesus Cristo. No entanto, Moo também reconhece que

[...] uma interpretação alternativa vem ganhando espaço. Nessa interpretação, Paulo afirma que a justiça de Deus é alcançada não “por meio da fé em Jesus Cristo”, mas “por meio da fé de Jesus Cristo” ou “por meio da fidelidade demonstrada por Jesus Cristo”.

Assim como já discutimos, Moo apresenta que “os defensores desta interpretação argumentam que ela é a mais provável linguisticamente”. Em suma, como observamos, “a diferença envolve a interpretação do genitivo. A interpretação tradicional assume um genitivo objetivo, enquanto a alternativa o vê como possessivo ou subjetivo”. Moo acrescenta que os defensores da visão alternativa acreditam que a tradução fé/fidelidade de Jesus Cristo faz mais sentido no contexto, “pois esta interpretação evita a tautologia envolvida na visão tradicional, na qual Paulo afirma a importância da fé humana duas vezes: “fé em Jesus Cristo”, “para todos os que creem”. Por outro lado, a tradução “pela fidelidade de Jesus Cristo” resulta numa combinação natural paulina de iniciativa divina e resposta humana”.

Apesar desses argumentos, Moo acredita que a interpretação tradicional da frase é preferível. Para ele, o argumento gramatical em favor da tradução alternativa não é convincente. Moo também acredita que as considerações contextuais favorecem o genitivo objetivo em Romanos 3.22. Ele admite que πίστις pode ser traduzido como “fidelidade” em alguns casos (por exemplo, neste mesmo capítulo, no versículo 3) e que “Paulo pode atribuir nossa justificação à obediência de Cristo (5.19)”,²⁹ mas conclui que “pouca coisa nesta

²⁸ SPROUL, R. C. *Romans*. Orlando: Reformation Trust, 2011, p. 74-80.

²⁹ Apesar disso, Moo acredita que em Paulo quase sempre πίστις significa “fé” e que “características contextuais muito fortes devem estar presentes se qualquer outro significado for adotado”. Além disso, “se, por outro lado, pistis é traduzida por ‘fé’, é necessário introduzir alguma teologia muito duvidosa para falar com sentido sobre ‘a fé exercida por Jesus Cristo’”.

seção de Romanos nos levaria a esperar uma menção da “obediência ativa” de Cristo como base para a nossa justificação”. Finalmente, Moo acredita que é mais consistente entender que quando Paulo menciona πίστις ao longo de 3.21-4.25, ele está se referindo à “fé exercida pelo povo em Deus, ou Cristo, como o único meio de justificação”.³⁰

Leon Morris também se refere à discussão de que estamos tratando aqui. Assim como Moo, ele reconhece que “fé em Jesus Cristo” (genitivo objetivo) é uma tradução mais comum para esta passagem, mas que “fé/fidelidade de Jesus Cristo” (genitivo subjetivo) é uma alternativa que não pode ser simplesmente ignorada. Além disso, Morris observa que Paulo pode ter em mente a fidelidade de Deus que ele mostra em Jesus Cristo. Em terceiro lugar, assim como Moo, Morris observa que a tradução “fé em Jesus Cristo” pode parecer redundante com a expressão “todos os que creem”.

Entretanto, tendo apresentado essas considerações, Morris defende uma nova hipótese não considerada por Moo: e se Paulo tivesse em mente as duas coisas?

Talvez em todas as nossas discussões estejamos fazendo uma distinção muito rígida entre os genitivos, subjetivo e objetivo. Não está além dos limites da possibilidade que Paulo tenha visto que a expressão poderia ser tomada de uma das duas maneiras e ainda assim a tenha utilizado.

Em outras palavras, estando mais familiarizado com a língua grega do que a maioria de nós hoje, Paulo sabia das dificuldades com esta construção gramatical e escolheu usá-la de qualquer maneira, precisamente porque em termos teológicos “a fé em Jesus Cristo está certamente sendo considerada. Mas não haveria lugar para o exercício desta fé se não fosse pela ‘fidelidade de Jesus Cristo’ e pela ‘fidelidade de Deus demonstrada em Jesus Cristo’”.³¹

Para encerrar esta seção, Thomas R. Schreiner, um dos tradutores da CSB, observa que há um interesse crescente por essa passagem, com a tradução “fidelidade de Cristo” ganhando força. Sua própria opinião é que “fé em Cristo” é uma tradução preferível por causa do que vemos no capítulo 4: Abraão é apresentado como um modelo por causa de sua fé. Portanto, o argumento geral de Paulo parece ser que somos salvos por meio de nossa fé em Cristo, não pelas obras. Mesmo que faça sentido falar sobre a fidelidade de Cristo em outros contextos, de acordo com Schreiner não é isso que Paulo tem em mente na passagem que estamos analisando.³²

³⁰ MOO, Douglas J. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1996, p. 224-226.

³¹ MORRIS, Leon. *The Epistle to the Romans*. Grand Rapids: Eerdmans, 1988, p. 172-174.

³² SCHREINER, Thomas R. “Reading Romans Theologically: A Review Article”. *JETS* 41/4 (Dec. 1998) p. 641-650.

6. A FIDELIDADE DE CRISTO

Tendo considerado todas essas coisas, podemos agora perguntar se há uma maneira pela qual podemos falar sobre “a fidelidade de Cristo” trazendo “a justiça de Deus” ao crente. Este tema está presente, por exemplo, na primeira pergunta e resposta do Catecismo de Heidelberg: “Qual é o seu único conforto na vida e na morte? Que não sou meu, mas pertença – de corpo e alma, na vida e na morte – ao meu *fiel* Salvador, Jesus Cristo (ênfase minha).” A Confissão Belga, citando Hebreus, também chama Cristo de fiel:

Jesus Cristo foi feito semelhante a seus irmãos em todas as coisas, para ser um sumo sacerdote misericordioso e fiel, a fim de fazer a reconciliação pelos pecados do povo. Porque naquilo que Ele mesmo padeceu, sendo tentado, pode socorrer os que são tentados.

Esse conceito também aparece na Primeira Confissão Batista de Londres de 1644/1646:

XXXII. A única força pela qual os santos são capazes de enfrentar todas as oposições e provações, é somente por Jesus Cristo, que é o capitão de sua salvação, sendo aperfeiçoado por meio dos sofrimentos; que empregou Sua fidelidade e força para ajudá-los em todas as suas aflições, e para apoiá-los em todas as suas tentações, e para preservá-los pelo Seu poder para Seu reino eterno.

No entanto, a fidelidade de Jesus Cristo não é um tema comum na teologia sistemática reformada. Este tema não é abordado de forma específica nas teologias sistemáticas de Charles Hodge, François Turretini, Geerhardus Vos, Herman Bavinck, James Petigru Boyce, John Frame, Louis Berkhof, Robert Letham, Robert Lewis Dabney ou Wayne Grudem.³³ Talvez o tema seja considerado em algum outro trabalho de teologia sistemática não consultado durante a formulação deste artigo, mas creio que o fato de não estar presente em todos os trabalhos mencionados é suficiente para dizer que não é um tema muito comum na teologia sistemática reformada.

³³ Embora vários destes autores falem da fidelidade de Deus. Ver: HODGE, Charles. *Esboços de Teologia*. São Paulo: PES, 2001. VOS, Geerhardus. *Reformed Dogmatics*. Bellingham: Lexham Press, 2020. BAVINCK, Herman. *Reformed Dogmatics*. Ed. John Bolt. Trad. John Vriend. Grand Rapids: Baker, 2003. BOYCE, James Petigru. *Abstract of Systematic Theology*. Orlando: Founders Press, 2006. FRAME, John. *Systematic Theology: An Introduction to Christian Belief*. New Jersey: Presbyterian & Reformed, 2013. BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. LETHAM, Robert. *Systematic Theology*. Wheaton: Crossway, 2019. DABNEY, Robert Lewis. *Systematic Theology*. Richmond: Union Theological Seminary, 1878. GRUDEM, Wayne. *Systematic Theology*. Grand Rapids: Zondervan, 2000. TURRETINI, François. *Compêndio de Teologia Apologética*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

Para além da teologia sistemática e das afirmações confessionais, nós temos passagens bíblicas que indubitavelmente falam a respeito da fidelidade de Cristo, conectando-a à nossa salvação. A maioria dessas passagens não disputáveis aparecem em Hebreus (2.17; 3.2; 3.5-6). Apocalipse 1.5 refere-se a Jesus como “a testemunha fiel” (ὁ μάρτυς, ὁ πιστός) e Apocalipse 3.14 como “a testemunha fiel e verdadeira” (ὁ μάρτυς ὁ πιστὸς καὶ ἀληθινός). Apocalipse 19.11 afirma que o cavaleiro do cavalo branco é chamado de fiel e verdadeiro (πιστὸς καὶ ἀληθινός).³⁴

Duas passagens em 1 e 2 Tessalonicenses também parecem se referir à fidelidade de Jesus (1Ts 5.24 e 2Ts 3.3). Essas referências são menos claras, mas creio que também são pertinentes a esta discussão. Finalmente, pelo menos duas passagens proféticas do Antigo Testamento também afirmam a fidelidade de Cristo (Is 11.5 e 42.3).³⁵ Muitas outras passagens falam de Deus sendo fiel. Nestes casos é possível perguntar se Jesus está em vista quando Deus é mencionado como aquele que é fiel. Em qualquer caso, acredito que o que apresentamos aqui é suficiente para dizer que a fidelidade de Cristo é mencionada no Novo Testamento e fez seu caminho para alguns documentos confessionais reformados. No entanto, até onde posso dizer, este tema não foi muito desenvolvido na teologia sistemática reformada. Talvez seja um descuido que devemos corrigir, independentemente de como entendemos Romanos 3.22.

7. A FIDELIDADE DE JESUS CRISTO E A NOVA PERSPECTIVA SOBRE PAULO

Uma última coisa a ser dita é a relação entre a expressão “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” e a chamada “Nova Perspectiva sobre Paulo (ou NPP)”.³⁶ Romanos 3.22 se encontra em um contexto importante para os defensores dessa perspectiva, que inclui Romanos 3.20.³⁷

O termo “nova perspectiva” foi cunhado por J. D. G. Dunn em 1982 para descrever a nova abordagem da teologia de Paulo que ele estava defendendo. Essa abordagem estava sendo construída sobre o trabalho de vários estudiosos anteriores, especialmente de E. P. Sanders em *Paul and Palestinian Judaism* (1977). N. T. Wright é provavelmente o defensor mais popular dessa perspectiva, algo que ele faz em *What St. Paul Really Said* (Oxford, 1997).

³⁴ Em Apocalipse 19.11 precisamos pressupor que esse cavaleiro é Jesus, o que me parece ser a melhor interpretação.

³⁵ Assim como ocorre com Apocalipse 19.11, no caso de Isaías nós precisamos pressupor que a profecia se refere a Jesus.

³⁶ Para um tratamento mais detalhado da NPP, ver: LOPES, Augustus Nicodemus. “A Nova Perspectiva Sobre Paulo”. *Fides Reformata* XI-1 (2006): 83-94.

³⁷ CARSON; MOO, *An Introduction to the New Testament*, p. 377-378.

Embora exista diversidade entre os defensores da NPP, alguns pontos em comum podem ser observados entre os proponentes dessa abordagem: segundo eles, Martinho Lutero e João Calvino (os defensores da “velha perspectiva sobre Paulo”) distorceram as palavras do apóstolo Paulo por não entenderem o contexto do judaísmo do 1º século no qual Paulo se encontrava. Segundo os defensores da NPP, o judaísmo do 1º século não era uma religião de salvação pelas obras, mas de salvação pela graça. Os judeus eram salvos por pertencerem à comunidade da aliança. As obras não eram uma forma de obter a salvação, mas de permanecer como membros dessa aliança. Assim, a discussão entre Paulo e os judeus de seu tempo não seria tanto uma de obras *versus* graça, mas a respeito da inclusão dos gentios na comunidade da aliança.

Para além de outros pontos que podemos considerar periféricos para nossa discussão aqui, o grande problema com a NPP é que ela destrói a justificação pela fé somente conforme ela foi entendida ao menos desde os tempos da Reforma. A justificação deixa de ser “um ato da livre graça de Deus, no qual Ele perdoa todos os nossos pecados, e nos aceita como justos diante de Si, somente por causa da justiça de Cristo a nós imputada, e recebida só pela fé”,³⁸ e se torna um ato de recepção na comunidade da aliança. Em resposta a isso, devemos dizer que nossa salvação realmente envolve fazer parte de uma aliança. Porém, isso é tecnicamente distinto do ato de justificação. Além do mais, a mensagem de Paulo é claramente que tanto judeus quanto gentios precisavam ser justificados por meio da fé em Jesus Cristo.

Independentemente de como traduzimos Romanos 3.22, devemos seguir afirmando que somos justificados mediante a fé (Rm 5.1). Esse é o ensino de várias outras passagens do Novo Testamento (Rm 4.4-5; Rm 11.6; Ef 2.8-10), e não é afetado pela maneira como traduzimos este versículo. Afirmar a fidelidade de Cristo e sua importância em nossa salvação não deve ser visto como uma negação do *Sola Fide* ou como concessão a outros pontos de vista a respeito da justificação, seja por parte da NPP ou de outras correntes de interpretação.

CONCLUSÃO

“Fé em Jesus Cristo” e “fé/fidelidade de Jesus Cristo” são ambas traduções gramaticalmente possíveis de “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ”, mas “fidelidade de Jesus Cristo” é gramaticalmente mais provável. Por outro lado, a fé em Jesus Cristo faz mais sentido teologicamente, pelo menos à primeira vista. Embora alguns tradutores modernos sejam a favor de reconsiderar a tradução mais estabelecida, essa discussão parece estar longe do fim. Por outro lado, embora a “fé de Jesus Cristo” tenha mais a seu favor gramaticalmente, isso não significa que os argumentos a favor de “fé em Jesus Cristo” devam ser inteiramente

³⁸ Breve Catecismo de Westminster.

desconsiderados. Por fim, nós também não devemos deixar nossas traduções ser determinadas pelo que parece teologicamente mais atraente para nós.

Independentemente de como traduzimos e entendemos Romanos 3.22, a fidelidade de Jesus Cristo é claramente mencionada em outras passagens bíblicas e foi afirmada em alguns documentos confessionais reformados. Embora possa ser argumentado que essa fidelidade possui algumas semelhanças com outras doutrinas como a obediência de Cristo, parece-me que esta é uma verdade bíblica que merece ser analisada individualmente, algo que não foi feito com tanta frequência na teologia sistemática reformada.

Em suma, podemos não chegar a um consenso sobre como traduzir Romanos 3.22, mas acredito que isso suscita um debate mais importante sobre como entendemos a fidelidade de Cristo e qual é sua importância para a nossa salvação.³⁹

ABSTRACT

This article analyzes the phrase “πίστεως Ἰησοῦ Χριστοῦ” in Romans 3.22, considering two possible translations: “faith in Jesus Christ” and “faithfulness of Jesus Christ”. Grammatical and theological considerations favor the second translation, although the first cannot be entirely ruled out. Apart from the correct translation of the phrase, the article concludes that the faithfulness of Jesus Christ is a relevant and still undeveloped theme in Reformed systematic theology, an imperfection that we would do well to repair.

KEYWORDS

Faithfulness of Jesus Christ; Faith in Jesus Christ; Romans 3:22; Greek grammar.

³⁹ Para livros, artigos e blog sobre o tema, ver: HANSEN, Collin. “‘Faith in Christ’ or ‘Faithfulness of Christ’? What’s the Difference?”. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/article/faith-in-christ-or-faithfulness-of-christ-whats-the-difference/>. CARSON, D. A. “Faith” and “Faithfulness”. *Tabletalk Magazine*, Feb. 1st, 2010. BIRD, Michael F.; SPRINKLE, Preston M. (Eds.). “The Faith of Jesus Christ: Exegetical, Biblical, and Theological Studies”. Baker Academic, 2010. JERNEGAN, Prescott F. “The Faith of Jesus Christ”. *The Biblical World*. Sept. 1896, Vol. 8, No. 3, p. 198-202. ALLEN, R. Michael. *Justification and the Gospel*. Baker Academic, 2013. *Theological Studies: The Pistis Christou Debate*. Peabody, MA: Hendrickson, 2009. SCHREINER, Thomas R. “Reading Romans Theologically: A Review Article”. *JETS* 41/4 (Dec. 1998): 641–650. WAX, Trevin. “Faith IN Christ” or “Faithfulness OF Christ”. TGC, May 23, 2011. Disponível em: <https://www.thegospelcoalition.org/blogs/trevin-wax/faith-in-christ-or-faithfulness-of-christ/>. LOPES, Augustus Nicodemus. “A Nova Perspectiva sobre Paulo”. *Fides Reformata* XI, Nº 1 (2006): 83-94.